

# **FREVENDO: CADERNO DE FREVOS PARA FLAUTA DOCE E CRAVO**

*Anderson Tiago Silva Rodrigues / Mestrando*  
PROMUS/UFRJ  
andersonrodrigues966@gmail.com

## **RESUMO**

Neste artigo pretende-se falar sobre a elaboração do caderno de frevos para flauta doce e cravo intitulado FREVENDO, produto de pesquisa de mestrado em andamento no PROMUS/UFRJ. O caderno agrega ao repertório da flauta doce obras com características do regionalismo nordestino, particularmente o frevo, oferecendo ao público diversificação de repertório, além de informações históricas sobre as obras. O gênero frevo servirá como matéria prima para a realização, na flauta doce, de articulações, ritmos e linguagens típicos da música pernambucana. O caderno foi estruturado de acordo com a seguinte metodologia: pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, utilização da historiografia musical sobre o gênero, análise musicológica das obras selecionadas, consulta a acervos de partituras e produção de arranjos. Depois de pronto, pretende incentivar intérpretes e grupos musicais a executar os frevos, assim como também incentivar compositores a criarem mais peças do gênero para esta formação levando, cada vez mais, o frevo para as salas de concerto.

**Palavras-chave:** Caderno de música. Música nordestina. Frevo. Flauta doce. Cravo.

## **INTRODUÇÃO**

Por muito tempo a flauta doce foi vista como um instrumento cuja única finalidade era tocar música do século XVIII para trás. No início do século XX, com a retomada dos estudos e experimentos com a flauta doce, foi visto o seu grande potencial melódico, rítmico e percussivo. A partir das indagações da Prof. Luciana Câmara Souza, professora de Cravo do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em que ela traz à tona questões sobre o intérprete começar a ter um senso crítico sobre o que se é tocado e de que “o foco exacerbado no repertório de concerto tradicional deixa pouco espaço para a criatividade” (SOUZA, 2017, p. 66), foi proposto ao programa de Pós-Graduação Profissional em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROMUS/UFRJ) a criação de um caderno com repertório da região de origem do autor, Recife – PE.

Pretende-se oferecer ao meio acadêmico um caderno contendo seis arranjos de

frevos para flauta doce e cravo com gravações audiovisuais dos arranjos, inserindo obras que exploram todo o potencial rítmico, melódico e percussivo do instrumento. A ideia é fomentar, cada vez mais, a estabilização da flauta doce no cenário popular musical brasileiro. O caderno está sendo elaborado de maneira a oferecer aos intérpretes não apenas instruções para a perfeita execução das obras, como também um panorama histórico e o contexto em que elas estão inseridas, estimulando assim o desenvolvimento criativo na performance.

## 1. OS TIPOS DE FREVOS E A SELEÇÃO PARA O CADERNO

Com a retomada da flauta doce no século XX, muito se foi pesquisado e experimentado em termos de repertório possível para este instrumento. Como resultado, tivemos a criação e aperfeiçoamento de muitos métodos e composições, mas poucos se utilizaram do acervo musical regional de cada estado brasileiro.

Em concordância com o cenário musical pernambucano atual, faz-se oportuna a criação de um caderno para flauta doce e cravo sobre seu ritmo mais aclamado, para o qual, no dia 04/12/2012, foi concedido pela UNESCO o título de Patrimônio Imaterial da Humanidade: o frevo. Pelo conteúdo do dossiê de candidatura podemos ter uma breve noção de sua relevância enquanto ainda se estabelecia como manifestação:

O frevo exprime, assim, a atmosfera da cidade no período de sua ampliação urbana. A agitação política, a constituição da classe trabalhadora, o fortalecimento do movimento operário e a probabilidade da modernização moldam a manifestação no ânimo rebelado da grande massa popular que toma a cidade. (LÉLIS, 2011, p. 16)

Mais do que um ritmo carnavalesco, o frevo é manifesto político-sociológico, é história, patriotismo e é alegria de um povo que vive uma forte desigualdade social.

De acordo com Benck Filho, “para entender o frevo é impossível ignorar o contexto social em que foi forjado, o que esse gênero ajudou a criar, qual a sua força significativa, o que ele representa. O frevo é um efeito, mas também uma causa, reação, mas também ação.” (BENCK FILHO, 2008, p. 05)

O frevo nasceu quando Recife passava por um processo de modernização pela industrialização e urbanização, associado a diversas mudanças econômicas, sociais e políticas. A Abolição da Escravidão (1888) e a Proclamação da República (1889) contribuíram no processo de criação sociocultural do frevo. Oriundo de um processo cultural dinâmico e espontâneo, o frevo foi inventado pela classe trabalhadora, formada na maioria por gente preta,

que não apenas trazia na memória e atualizava tradições culturais próprias, como encontrava formas novas de se organizar política e socialmente e de se expressar culturalmente.

Enquanto gênero musical, o frevo sofreu influência de diversos ritmos: da modinha, quadrilha, dobrado, polca, maxixe, valsa e do tango. Já enquanto passo, sabe-se que o gingado da capoeira foi um grande influenciador.

Por volta da década de 30, com a popularização do gênero pelos discos e rádios, o frevo é dividido em três modalidades: Frevos de Rua<sup>1</sup>, Frevos-Canção<sup>2</sup> e Frevos de Bloco<sup>3</sup> e para uma melhor abordagem do gênero, no caderno proposto estão sendo utilizados duas obras de cada tipo de frevo a fim de promover ao intérprete diversas experiências e possibilidades de conhecimento do gênero.

O Frevo de Rua é o mais antigo da família dos frevos. Puramente instrumental, é tocado por uma orquestra de sopros e percussão. Existe ainda uma subdivisão classificando o de Rua em três modalidades: Frevo-Coqueiro (caracterizado pela presença de notas muito agudas, sobretudo nos trompetes<sup>4</sup>), Frevo-Ventania (caracterizado por sequências intermináveis de semicolcheias tocadas usualmente por saxofones, dando uma ilusão de uma ventania causada por tanto ar que sai deles) e o Frevo de Abafo (quando duas agremiações se encontram nos seus desfiles na rua, a orquestra precisa “abafar” o som da outra; isso acontece como uma espécie de competição, cada agremiação executa um frevo conhecido em máximo volume, de modo que a afinação seja desconsiderada).

---

<sup>1</sup> Diferencia-se pela ausência completa de letra e é feito unicamente para ser dançado. Predominantemente tocado pelos instrumentos metálicos como trompetes, pistões e trombones.

<sup>2</sup> Possui uma parte introdutória e outra cantada. O que vai diferenciar o Canção do de Bloco é a orquestração pois no Canção torna-se livre à disposição dos instrumentos e geralmente é cantado por uma única voz.

<sup>3</sup> Surgiu a partir das serenatas de carnaval, com o uso de instrumentos de corda dedilhada e de sopro, como o clarinete a flauta.

<sup>4</sup> Na partitura, as notas são escritas acima das linhas de compassos com as hastes para baixo fazendo lembrar de um coqueiro.

Os frevos escolhidos desta modalidade foram: *Gostosão* (Nelson Ferreira) e *Cabelo de fogo* (Maestro Nunes), dois grandes clássicos do carnaval pernambucano comumente tocados como Frevo de Abafo.

**CABELO DE FOGO**  
Frevo de Rua

Maestro Nunes  
Arr. Anderson Rodrigues e Ladson Matos

♩ = 150

Flauta Doce Soprano

Cravo

Fig. 1 – Compassos iniciais de *Cabelo de fogo*, de Maestro Nunes, em arranjo para flauta doce e cravo elaborado para o Caderno.

O Frevo de Bloco traz um ar mais “lírico”, com instrumentação conhecida como “conjunto de *pau e corda*”, ou seja, que faz uso de instrumentos de cordas dedilhadas e de sopros. Surgiu a partir das serenatas de carnaval e possui melodias e danças mais suaves, geralmente cantadas por mulheres.

Os frevos escolhidos desta modalidade foram: *Homenagem à folia* (Edgar Moraes) e *Marcha da folia* (Raul Moraes). Ambos possuem uma introdução mais agitada e, logo após a agitação, uma melodia cantada e delicada.

**MARCHA DA FOLIA**  
Frevo de Bloco

Raul Moraes  
Arr. Anderson Rodrigues e Ladson Matos

♩ = 120

Flauta Doce Contralto

Cravo

Fig. 2 – Compassos iniciais da *Marcha da folia*, de Raul Moraes, em arranjo para flauta doce e cravo elaborado para o Caderno.

O Frevo-Canção é uma derivação do de Rua com o de Bloco. O Canção possui uma parte introdutória e outra cantada, tendo o acréscimo (ou não) de letra na introdução rápida, cantada por qualquer formação vocal, e em sua grande maioria possuindo uma melodia cantada mais branda. Por ser o mais próximo da indústria fonográfica dos três subgêneros, a presença dos instrumentos eletrônicos é constante em sua escrita e execução.

Os frevos escolhidos desta modalidade foram: *Hino do Elefante* (Clídio Nigro/Clóvis Vieira) e *Hino da Pitombeira* (Alex Caldas). Dois clássicos do carnaval pernambucano, são hinos de dois blocos tradicionais de Olinda. Contam uma história ao mesmo tempo que exaltam o amor pelo carnaval.

The image shows a musical score for the piece "HINO DO ELEFANTE" in 2/8 time, with a tempo marking of 140. The score is arranged for Soprano (Sop.) and Piano (Cravo). The first system (measures 27-34) shows the piano introduction with a melodic line in the right hand and a rhythmic accompaniment in the left hand. The second system (measures 35-42) shows the vocal entry with a melodic line in the Soprano part and a piano accompaniment in the Cravo part. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings.

Fig. 3 – Compassos iniciais do *Hino do Elefante*, de Clídio Nigro e Clóvis Vieira, em arranjo para flauta doce e cravo elaborado para o Caderno.

Para além dos dados musicais referentes aos frevos escolhidos, optou-se por proporcionar ao intérprete um conjunto de informações contextuais históricas para auxiliar a construção de sua performance na flauta doce. Considera-se que este tipo de informação complementar é de extrema relevância e não costuma ser apresentada ao intérprete em conjunto com as partituras.

## 2. METODOLOGIA

Foi feito um levantamento histórico e analítico dos frevos compostos no início do século XX até o começo do século XXI até chegar nas seis obras escolhidas. Para definir o repertório que seria trabalhado, foi preciso estudar os diferentes tipos de frevo, analisando as técnicas que foram utilizadas e de que forma elas poderiam ser aplicadas à flauta doce com base no idiomatismo do instrumento. Os documentos para elaboração do material histórico foram coletados por meio de acervos digitais e livros e estão sendo utilizados para a contextualização das obras.

Com as peças escolhidas, foi feito um estudo comparativo do como elas estavam escritas e de como eram executadas por meio de gravações e transcrições existentes. Em muitas delas não foi possível o acesso ao manuscrito, porém todas as partituras foram checadas com fontes diversas (família do compositor, gravações de áudio ou audiovisual e com a empresa detentora dos direitos autorais das obras). Estão sendo comparados e estudados arranjos atuais do gênero para verificar a escrita idiomática do frevo a fim de possibilitar e identificar as particularidades musicais das peças e sua melhor aplicação no instrumento.

O *software* utilizado para fazer os arranjos está sendo o *Finale*, versão 2014; como esperado em qualquer meio de notação, fizeram-se necessários alguns ajustes e ressignificações de sinais na tentativa de aproximar ao máximo a música escrita do frevo tocado nas ruas.

## 3. PRINCIPAIS DESAFIOS E SOLUÇÕES ENCONTRADAS

A abordagem do frevo nos traz alguns desafios. Um deles é *como escrever* em notação musical este estilo de música, que é tocado de maneira tão natural e única por cada intérprete. Outro desafio é *como interpretar* a música escrita fazendo-a soar como ela soa na prática popular (BENCK FILHO, 2008, p. 01).

Na música de concerto ocidental, além de cumprir com seu papel documental, “a notação assumiu extraordinária relevância não apenas por ter favorecido e direcionado desenvolvimentos específicos, mas também, em frutífera reciprocidade, por ter surgido e evoluído atendendo a demandas oriundas destes mesmos desenvolvimentos” (ALMEIDA, 2011, p. 65). Já no âmbito composicional ela permitiu a criação e registro de fórmulas musicais oralmente impensáveis.

O sistema de notação tradicional ocidental se desenvolveu com o intuito de ser uma

ferramenta para fixar os intervalos, distâncias e relações entre alturas e suas durações. Ao longo dos anos construímos uma ideia errônea de que a notação seria uma descrição e representação fiel de todos os aspectos e particularidades presente na música, que apenas ela seria suficiente para executar performaticamente a peça. O sistema notacional jamais se propôs a tal complexa função.

Podemos dizer que o sistema de notação tradicional se mostra insuficiente com as novas demandas. Essa insuficiência nos leva à criação de novos métodos de notação; contudo, essa nova escrita não é padronizada. Diante dessa variedade de escritas, a leitura musical passou a exigir que o músico decodifique as instruções de cada peça: “diante de uma obra contemporânea, o intérprete se confronta com um universo musical em grande parte singular e novo, ao contrário da prática interpretativa na música tradicional, que lida com uma escritura histórica, amplamente decodificada e compartilhada” (ALMEIDA, 2011, p. 73).

Em conjunto a esta questão sobre notação, deparou-se com a questão do idiomatismo na flauta doce, uma área de estudos ainda pouco explorada. Particularmente, sobre como adequar o frevo e suas peculiaridades à flauta doce e ao cravo, lançando mão das qualidades de ambos instrumentos, sem descaracterizar o gênero pernambucano.

Pode-se, de forma ampla e pouco aprofundada (já que este não é o tema principal deste artigo), definir o idiomatismo como particularidades, características próprias e únicas, que compõem a escrita e execução do instrumento.

Segundo Acácio Cardoso (2021, p. 27), a revisão bibliográfica, principalmente brasileira, sobre os aspectos idiomáticos da flauta doce ainda aborda este tópico de maneira tímida ou apenas tangenciam o assunto. Podemos observar a seguir que se preocupar com o idiomatismo vai muito além de técnica instrumental:

A pesquisa sobre o idiomatismo musical não se dedica apenas a falar de técnicas específicas de algum instrumento, mas sim, da busca por um resultado sonoro melhor, mais adequado ao instrumento, onde suas características possam ser melhores aproveitadas e assim se consiga que a música fique mais atraente, mais rica. (CARDOSO, 2021, p. 101)

Todos que tocam flauta doce tratam destas questões idiomáticas naturalmente no seu desenvolvimento musical. Estão acostumados em adaptar trechos para que a música que foi escolhida seja tocada de maneira orgânica e bonita na flauta.

Cientes das questões idiomáticas da flauta doce, pode-se debater sobre o “sotaque” do frevo, pensando nas características idiomáticas do gênero e como aplicá-las à flauta doce de maneira fluída e natural para o instrumento.

De natureza “fervente”, o frevo é um gênero que contagia e envolve quem o escuta e toca. Usualmente é escrito para instrumentos de sopro de metal (trompetes, trombones, tubas, saxofones, etc.), cordas dedilhadas (violões, bandolins, cavaquinhos, baixo acústico, etc.) e percussão (pandeiro, surdo, caixa clara/tarol, etc.). O desafio na elaboração deste caderno está sendo traduzir toda essa instrumentação (e suas características) para a flauta doce e o cravo. Nesse sentido, estão sendo utilizadas técnicas estendidas de escrita, assim como as tradicionais, com o intuito de aproximar mais a flauta doce e o cravo do frevo.

Como consequência à discussão sobre notação, idiomatismo na flauta doce e “sotaque” do frevo, está sendo criado um guia de orientações interpretativas para cada obra apresentada no caderno. Trata-se de uma “bula” com instruções de execução das fórmulas musicais tradicionais, com o objetivo de amenizar esse déficit natural da notação, preservar as características idiomáticas da flauta, mas sem descaracterizar o frevo. Tudo está sendo explicado de maneira mais simples e objetiva possível para que o leitor compreenda de maneira rápida e eficaz o que está escrito.

## ORIENTAÇÕES PARA GOSTOSÃO


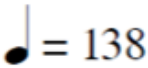

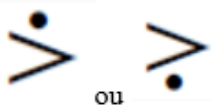
	<p>A articulação deve ser dupla nas semicolcheias.</p>
	<p>Deve ser tocado rápido, porém “limpo”. Apesar da sugestão em 138, priorize tocar bem todas as notas.</p>
	<p>Todas as ligaduras grafadas deverão ser executadas como ligaduras de articulação. As ligaduras pontilhadas (de expressão) indicam frases, deve-se respirar sempre ao final delas.</p>
	<p>Ao aparecer este sinal é pra dar a intenção de um “saltinho”, algo “suspenso” com um leve acento na nota.</p>

Fig. 4 – Pequeno trecho das orientações interpretativas para a música *Gostosão*.



## Gostosão Frevo de Rua

Nelson Ferreira

Arr. Anderson Rodrigues e Ladson Matos

Flauta Doce Soprano

Cravo

$\text{♩} = 138$

*mf*

Fig. 5 – Trecho inicial da música *Gostosão* de Nelson Ferreira arranjada para flauta doce e cravo.

O processo de criação dos arranjos está sendo feito em parceria com o cravista Ladson Ferreira de Matos, sob orientação e supervisão do autor deste artigo. A escrita da flauta, bem como todas suas nuances, é de responsabilidade do autor; já o cravo é escrito pelo cravista de acordo o que o autor propõe para a música.

O frevo tem uma melodia, que pode ser de uma ou mais vozes, e uma base percussiva, composta por diferentes instrumentos. A ideia é mesclar a melodia entre flauta e cravo, dando um maior protagonismo à flauta, e distribuir as especificidades rítmicas no cravo, geralmente na mão esquerda, enquanto a direita completa com melodia (podendo alternar entre elas). Cada arranjo finalizado é testado na prática e, se necessário, são feitas pequenas alterações, até que o resultado seja satisfatório para os intérpretes e ouvintes.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caderno tem como caráter inovador a inserção de instrumentos históricos, como a flauta doce e o cravo, no repertório popular regional, facilitando a introdução do frevo nas salas de concerto por meio desta formação erudita.

Espera-se que o caderno estimule compositores e intérpretes a escrever e tocar mais obras deste gênero, seja para a formação instrumental sugerida como para tantas outras possíveis, incentivando a disseminação deste estilo musical não só nas universidades, mas em todo lugar onde se possa ensinar e tocar música.

Quando for finalizado, o arquivo em PDF do caderno será disponibilizado no

repositório da instituição de ensino, assim como as gravações audiovisuais dos arranjos, realizadas pelo autor. Pretende-se ainda publicar o caderno como livro impresso em uma editora que já manifestou interesse.

## REFERÊNCIAS

BENCK FILHO, Ayrton. M. *O Frevo-de-rua no Recife: Características sócio-histórico-musicais e um esboço estilístico-interpretativo*. 155 p. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Bahia. 2008.

CARDOSO, Acácio T. *Investigando o conceito de idiomatismo da flauta doce a partir do ponto de vista de flautistas e professores do instrumento*. 121 p. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre. 2021.

FERREIRA, Aurélio. B. H. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011. p. 447.

LÉLIS, Carmem. *Frevo Patrimônio Imaterial do Brasil: síntese do dossiê de candidatura*. 1. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011. 120 p.

RABELLO, Evandro. *Memórias da folia: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa (1822-1925)*. 1. ed. Recife: Funcultura, 2004. p. 127.

ROQUENETTO. *O trompete no frevo: método RoqueNetto - trumpet, cornet, flugelhorn*. 1. ed. Recife: B25 Cultural, 2019. 121 p.

POTTIER, Laurence. Transcrições para flauta doce, um repertório novo e eclético. In: BARROS, Daniele. C.(org). *Novos Caminhos da Flauta Doce: Palestras e Pesquisas*. 1. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p.11-23.

SOUZA, Luciana Câmara Q. D. O cravo e as mudanças curriculares do bacharelado em instrumento da UFPE. In: SEMANA DO CRAVO, XIV. 2017. *Anais da XIV Semana do Cravo*. Escola de música da UFRJ, 2018. p. 65-70.